



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Vivendo em Silêncio: A Mulher Revolucionária na Fotografia de Kudzanai Chiurai ¹

Felipe Messias²

RESUMO

Este trabalho procura discutir, de maneira breve, como a resistência e a violência racial são tematizadas a partir do trabalho do artista zimbabuense Kudzanai Chiurai. A partir do diálogo com autoras negras, busca enunciar alguns elementos centrais que nos convocam a repensar as representações estereotípicas e imagens de controle de mulheres negras, bem como as formas de produzir contrarrepresentações que neguem os papéis hegemônicos da mulheridade, especialmente a negra. Toma-se como ponto de partida a forma como a fotografia erige um modo de ver bastante peculiar, transformando profundamente a nossa sociedade. Em seguida, apresenta as perspectivas de algumas mulheres negras a respeito do gênero, bem como uma breve crítica a perspectivas não racializadas sobre o tema. Por fim, os trabalhos de Chiurai são analisados, tendo como base as perspectivas teóricas tanto das autoras presentes na primeira sessão quanto de outras, que dialogam mais diretamente com o objeto de análise deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; contrarrepresentação; fabulação crítica; Kudzanai Chiurai; pensamento feminista negro.

INTRODUÇÃO

Por um lado, parece pouco produtivo discutir se, em uma fotografia, predomina seu caráter icônico ou indicial – inclusive porque não existe uma essência do signo, apenas o modo como ele funciona em um processo de semiose específico. Por outro lado, em uma sociedade centrada na visualidade e na visibilidade (Oyěwùmí, 2021), a dimensão simbólica da representação fotográfica merece ser discutida. Esta perspectiva ganha relevância ao considerar que a invenção da fotografia instaura, conseqüentemente, um modo de ver (Berger *et al.*, 1982).

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia contemporânea”.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, bolsista Capes, e-mail: felipemessias86@gmail.com.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Nesse contexto, acreditava-se estar sendo criada uma forma de produzir um registro supostamente imparcial, um documento que atestasse uma relação direta e incontestável entre o objeto e a câmera (Barthes, 1990). Mesmo em fotografias artísticas e/ou autorais, existe, indiscutivelmente, uma dimensão testemunhal que não costuma ser negada. Isso, talvez, seja um dos elementos que têm tornado tão urgente o debate em torno da produção de imagens através de ferramentas de inteligência artificial generativa. Acredito que tal modo de produção se aproxima da invenção da própria fotografia no que oferece de possibilidade de mudança em nosso modo de ver, cujas consequências só conseguiremos precisar com o passar do tempo.

Aqui, no entanto, propus discutir, brevemente, como imagens fotográficas que não foram produzidas por inteligência artificial participam dos processos de produção de sentido – sempre em disputa. Para isso, analisei, em diálogo com o conceito de fabulação crítica (Hartman, 2020), como alguns trabalhos da série *We live in silence*, de Kudzanai Chiurai, produzem tensionamentos em relação aos lugares hegemônicos relacionados à feminilidade negra.

A partir dessa abordagem inicial, espero, futuramente, conseguir observar este tipo de imagem como um documento de uma produção de conhecimento, a partir de uma linguagem específica, colocando-as em diálogo com a perspectiva do pensamento feminista negro (Collins, 2019). Certamente, a obra de Kudzanai Chiurai em si não é fruto do pensamento feminista negro, posto que ele é um homem. Não obstante, pode ser discutida a partir dessa matriz teórica que nos permite escapar ao modo de pensamento branco, eurocêntrico. Reitero a dimensão inicial da abordagem aqui apresentada, limitada também pelo formato do texto. No entanto, tenho certeza que os diálogos da VII Grão Fino – Semana de Fotografia contribuirão de maneira estimulante para o amadurecimento da proposta.

ELAS TAMBÉM SÃO MULHERES: PENSANDO O GÊNERO E RAÇA



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Em 1851, Sojourner Truth (2018) questionou: “e eu não sou uma mulher?” (Truth, 2018, p. 17). Ela pretendia, com isso, problematizar as noções definidoras da feminilidade baseadas, exclusivamente, na realidade das mulheres brancas. “Em vez de aceitar os pressupostos vigentes sobre o que é uma mulher e depois tentar provar que se encaixa em tais padrões, Truth questionou os próprios padrões” (Collins, 2019, p. 52). Sua experiência inspirou bell hooks, que analisou a mulheridade negra estadunidense e “as formas que a raça deu à identidade feminina” (hooks, 2020, p. 11).

Além disso, hooks (2020) discutiu as negociações da supremacia branca – ora com homens negros, ora com mulheres brancas – que contribuíram para manter a desvalorização das mulheres negras, e ponderou: “Ativistas negros definiram liberdade como ganhar o direito de participar da cultura estadunidense, sendo cidadãos completos; eles não estavam rejeitando o sistema de valores daquela cultura” (hooks, 2020, p. 23). Por fim, argumentou sobre como mulheres negras tomaram consciência de tais negociações e se posicionaram para desmascará-las e combatê-las.

Quase 150 anos depois de Sojourner Truth proferir seu famoso discurso, Oyèrónkẹ Oyěwùmí³ (2021) critica, entre outras coisas, o modo como o Ocidente pensa o gênero. Segundo a autora, “a categoria ‘mulher’ – que é fundacional nos discursos de gênero ocidentais – simplesmente não existia na Iorubalândia antes do contato mantido com o Ocidente” (Oyěwùmí, 2021, p. 15). Com isso, Oyěwùmí nos estimula a pensar a centralidade da configuração “*bio-lógica*” como definidora dos papéis sociais uma vez que, “nas sociedades ocidentais, os corpos físicos são *sempre* corpos sociais” (Oyěwùmí, 2021, p. 19, grifo da autora).

Ao analisar esses corpos sociais generificados, verifica-se que eles participam de processos de (des)valorização de determinadas funções sociais. É possível

³ O texto foi publicado, originalmente, em 1997.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



argumentar, portanto, que “não seriam os trabalhos sob a responsabilidade do homem os que lhe confeririam sua importância, mas ele que contaminaria com o prestígio inerente à masculinidade as tarefas que realiza” (Segato, 1998, p. 7). Inversamente, a mulher desvalorizaria, por sua condição supostamente inferior, qualquer trabalho que realizasse.

Diante do exposto, parece seguro afirmar que, a partir do corpo, raça e gênero definem posições sociais que estabelecem lugares, concretos e simbólicos, a serem ocupados. Tais lugares são criados e reconfigurados, constantemente, em diversos âmbitos da sociedade.

No que diz respeito à representação, central para este trabalho, ganham destaque o uso de estereótipos e “imagens de controle” (Collins, 2019) – sendo que estas últimas contribuem para a expansão dos primeiros. Isso porque

as imagens de controle não são meros estereótipos, são antes de mais nada uma forma de articular roteiros sociais a partir dos quais a sociedade irá visualizar e tratar mulheres negras. Sobretudo, são scripts de como mulheres negras devem se portar (Bueno, 2019, online).

Além disso, elas são “justificativas ideológicas poderosas” cujo objetivo é “fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (Collins, 2019, p. 136).

MULHERIDADES NEGRAS NA OBRA DE KUDZANAI CHIURAI

Figura 1 - We Live in Silence XVII



Fonte: (Chiurai, 2017d).

Kudzanai Chiurai nasceu no Zimbábue, em 1981. Além da fotografia, o artista trabalha com cinema, ilustração, colagem, pintura e técnica mista. De modo geral, mas em especial nas séries *Revelations* (2011), *Genesis [Je n'isi isi]* (2016) e *We live in silence* (2017), Chiurai

se debruça sobre o processo de colonização do Zimbábue, seu país natal, e sobre as relações que se estabeleceram, a partir de então, entre a religiosidade local e o cristianismo [Figura 1], ou, para problematizar melhor a questão, entre a tradição e a modernidade –



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



que apenas no pensamento ocidental são opostas (Messias, 2023, p. 73).

A série da qual se originam as imagens analisadas neste artigo, *We live in silence* (2017), parte do filme *Soleil Ô* (1967), de Med Hondo, para

dissecar o filme a partir da [...] recriação de cenas intercaladas com referências visuais da cultura popular e de fontes históricas da arte para encenar histórias coloniais alternativas e futuros que rejeitem a noção de que migrantes africanos devem pensar, falar e entender a linguagem como seus colonizadores. A exposição também reposiciona o papel feminino na luta histórica recente – reformulando a personagem principal como uma mulher em uma narrativa de libertação negra para desafiar o viés inerente a tais narrativas, que tendem a escolher homens negros como vítimas do colonialismo e, conseqüentemente, como libertadores do pós-colonialismo (KUDZANAI, s.d., tradução própria).

A estratégia de Chiurai vai ao encontro do método que Saidiya Hartman (2020) descreve como “fabulação crítica”:

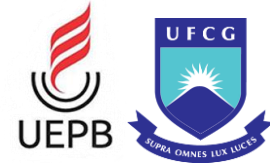
Jogando com os elementos básicos da história e rearranjando-os, rerepresentando a sequência de eventos em histórias divergentes e de pontos de vista em disputa, eu tentei comprometer o status do evento, deslocar o relato preestabelecido ou autorizado e imaginar o que poderia ter acontecido ou poderia ter sido dito ou poderia ter sido feito. [...] O resultado desse método é uma “narrativa recombinante”, que “enlaça os fios” de relatos incomensuráveis e que tece presente, passado e futuro [...] (Hartman, 2020, p. 29).

É relevante explicitar que este ponto de encontro entre Chiurai e Hartman (2020) parece compartilhado por outras pessoas negras que atuam em diferentes áreas, com destaque para o campo da arte (Messias, 2021).

Vale a pena mencionar, ainda, que Hartman (2020) inicia seu texto afirmando que o silêncio não significa, apenas, a ausência (ou interdição) da fala; ele também pode ser lido como uma recusa intencional em participar de determinada ordem discursiva. Evidencia-se com isso, portanto, que o silêncio também é carregado de significados, alguns dos quais estão presentes tanto nas fotografias quanto no título da série de Kudzanai Chiurai. Existe agência no silêncio, mesmo no caso da “mulher que escolhe o silêncio no lugar de mais uma morte” (Lorde, 2021, p. 166).



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



A escolha da série *We live in silence* (2017) também é tributária do desejo de dialogar com o pensamento feminista negro (Collins, 2019); a partir de Collins (2019), parece possível evidenciar formas de pensar as sociedades coloniais que não tenham como ponto de partida inevitável a perspectiva do colonizador. Além disso, ao observar o trabalho de Chiurai à luz do pensamento das autoras negras mobilizadas para este estudo, podemos perceber que suas fotografias tensionam, além da perspectiva colonial, alguns estereótipos e imagens de controle de mulheres negras.

Considerando este contexto, convém destacar a observação que bell hooks (2020) elabora sobre pessoas negras estadunidenses recentemente alforriadas. Segundo a autora, elas percebiam “que, se não conseguissem mudar as imagens negativas da mulheridade negra, jamais conseguiriam erguer a raça como um todo” (hooks, 2020, p. 99). A partir disso, e levando em consideração a importância de mudar nosso modo de ver e imaginar outras realidades, trabalhos como as fotografias de Chiurai têm um papel central.

Figura 2 - We Live in Silence X



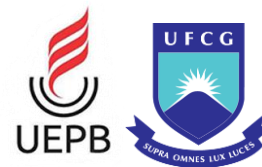
Fonte: (Chiurai, 2017a).

Na Figura 2, vemos duas mulheres negras deitadas em uma cama, sugerindo que sejam um casal. Ao fundo, existe um brilho em tons de amarelo e laranja; a cena principal, no entanto, é em preto e branco – estratégia presente em outras fotos da série, o que pode sugerir um diálogo entre passado e presente. A cena em preto e branco parece suspender o tempo para resgatá-lo, de modo que possa ser observado e analisado criticamente.

Um primeiro ponto de destaque nessa imagem é sua recusa em representar a líder solitária – outra questão recorrente na série –, oferecendo uma alternativa, também, ao constante reforço representacional da solidão da mulher negra. Além disso, as duas mulheres parecem encenar papéis de gênero binários a partir de um código eurocêntrico: a mulher mais próxima à câmera, de cabelo grande, solto, está enrolada no lençol; já a sua companheira, de cabelo curto, está com o torço nu, com os seios à mostra. Ao comunicar um certo relativismo



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



da nudez, Chiurai não utiliza do torso nu, como é comum, para falar de uma população “primitiva”, mas como signo de um “papel de gênero” específico e que, importante explicitar, não é fixo. Também é interessante que as duas mulheres não se oferecem ao espectador –negando um erotismo que tem como perspectiva prioritária o olhar masculino heterossexual – mas voltam-se para si mesmas ou para o que lhes dá prazer, como o cigarro.

Figura 3 - We Live in Silence XIV

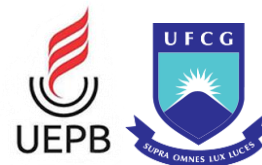


Fonte: (Chiurai, 2017b).

Em *We Live in Silence XIV* (Figura 3), vemos uma releitura da história de Judite e Holofernes, especialmente conhecida a partir das representações de Artemisia Gentileschi (Gentileschi, 1613) e Caravaggio (Caravaggio, 1599). Na fotografia de Chiurai, no entanto, Judite e sua criada são representadas por duas mulheres negras e Holofernes, por um homem branco.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



A interpretação da fotografia demanda que consideremos seus signos de referência: tanto as pinturas de Gentileschi (1613) e Caravaggio (1599) quanto a própria narrativa bíblica que inspirou ambos. Ao contrário das pinturas mencionadas, a heroína da bíblia não tem, no texto, características raciais – ela é descrita apenas como bela e jovem. O importante, no entanto, é o modo como ela utiliza a “arma” frequentemente atribuída às mulheres – a sedução – para exercer um ato de violência que se justifica pela libertação de seu povo. O que reverbera na imagem de Chiurai, portanto, é a história dessa heroína.

Judite não é movida por um desejo egoísta ou por um instinto natural de destruição, mas pelo senso de coletividade. Talvez por isso a expressão no rosto das duas mulheres seja quase neutra – elas fazem o que é preciso fazer, como frequentemente acontece com mulheres negras, ativistas ou não. Além disso, a diferença de classe, marcante na pintura de Caravaggio (1599), é eclipsada na leitura de Chiurai. Se a diferença entre as duas mulheres já era atenuada na versão de Gentileschi (1613), ela é praticamente irrelevante em *We Live in Silence XIV* (Figura 3). Em outras palavras, as duas mulheres não parecem pertencer a classes distintas, posto que estão vestidas com o mesmo tipo de roupa.

Além disso, a história da Judite também oferece uma leitura complexificada dos papéis tradicionais de gênero. Tomando como base um repertório cultural mais amplo, se, por um lado, o uso da sedução é uma arma comum às mulheres, a violência exercida por Judite é quase uma antítese – ela é explícita e sanguinária. Nas representações estereotipadas, mulheres, em geral, matam de modos mais sutis, como envenenamento, porque temos a “violência como expressão positiva da força masculina” (hooks, 2020, p. 171). Até mesmo do ponto de vista físico, a decapitação demandaria uma força que mulheres, supostamente, não teriam.

De certa forma, a violência também é tematizada em *We Live in Silence XV* (Figura 4), ainda que de forma menos explícita. Tanto o fundo quanto as flores que compõem o cenário estão em cores, enquanto a personagem principal está



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



em preto e branco. Ela é uma mulher negra e segura um revólver com a mão direita; sua expressão também é relativamente neutra, assim como sua pose. A arma, no entanto, indica a possibilidade de ação e de exercício da violência.

Figura 4 - We Live in Silence XV



Fonte: (Chiurai, 2017c).

Cumpra explicitar que, embora as mulheres negras sejam associadas, com frequência, ao estereótipo de raivosas, é pouco comum que sua raiva ou agressividade sejam vistas como reações justas ao racismo e ao sexismo (Lorde,



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



2021). Ao contrário, qualquer reação que não seja a docilidade é usada exatamente como signo da falta de humanidade que justificaria a opressão.

Além disso, Chiurai se vale de contrastes para evidenciar sentidos. Assim, a delicadeza das flores contrasta com a dureza da arma; as cores no primeiro plano e no plano de fundo evidenciam a figura principal, em preto e branco, contribuindo para uma composição equilibrada; e a relação entre as pessoas ao fundo e a personagem principal, novamente, fazem referência ao diálogo entre passado e presente. Ou seja, podemos notar que o trabalho de Kudzanai Chiurai também atua no sentido de problematizar uma perspectiva binária a partir da qual opostos são inconciliáveis, além da ideia de um tempo linear.

Figura 5 - We Live in Silence XVIII



Fonte: (Chiurai, 2017e).

We Live in Silence XVIII (Figura 5) é uma fotografia totalmente em cores que faz referência ao momento em que o corpo de Jesus é retirado da cruz e colocado nos braços de Maria – momento imortalizado na iconografia cristã como Nossa Senhora da Piedade (ou Pietá). Na versão de Chiurai, no entanto, todas as personagens são negras e o corpo da mulher morta é amparado não por uma, mas por sete mulheres. É relevante notar que a modelo que representa Jesus em outras fotografias, como em *We Live in Silence XVII* (Figura 1), não está morta; antes, é quem efetivamente ampara a mulher morta, além de ser única



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



entre as oito que olha diretamente para a câmera e, conseqüentemente, para a audiência. De certa forma, considerando o contexto de produção da obra de Chiurai, esse olhar é capaz de responsabilizar a audiência e problematizar um certo fetichismo envolvido nas representações de violência contra populações africanas.

Esse coletivo de mulheres encena, ainda, o luto pela mulher que morreu. Além de ser uma reverência à ancestralidade, outro ponto de conexão entre diversas pessoas negras que produzem arte (Messias, 2021), o luto funciona como uma reivindicação pelo valor da vida perdida. Para Judith Butler (2023), para uma vida ser lamentada é preciso que, antes, ela seja reconhecida como uma vida. Em *We Live in Silence XVIII*, vemos, enfim, “uma vida reconhecida e lamentada” (Hartman, 2020, p. 25). Dito de outro modo, Chiurai nos apresenta a uma vida digna de ser vivida e, portanto, enlutável (Butler, 2015).

De modo geral, a série *We live in silence* nos convida a repensar os modos como, em geral, mulheres negras são representadas. Argumento que as fotografias de Kudzanai Chiurai podem ser lidas como contrarrepresentações na medida em que “se opõem diretamente não apenas ao conteúdo dos estereótipos de pessoas negras, mas propõem formas alternativas de pensar a própria representação” (Messias, 2024, p. 206). As fotografias se recusam a fazer uma leitura idealizada, de uma África perdida no tempo, ao mesmo tempo em que nega a narrativa única pela perspectiva da violência sofrida, evocando, assim, um exercício que se aproxima da noção de “fabulação crítica” (Hartman, 2020).

A recusa em aderir aos modos hegemônicos de representação da população negra assume, indiscutivelmente, um viés político. De acordo com bell hooks (2022, p. 53): “A autoestima coletiva das pessoas negras é tão degradada que as imagens negativas (sobretudo as violentas) são vistas como prazerosas e divertidas”. Portanto, é necessário questionar esses modos de representação, mas sem oferecer modelos idealizados, igualmente inalcançáveis (Hall, 2016).



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Por fim, retomando o diálogo com o “pensamento feminista negro”, é possível assumir que “a relação dialógica sugere que mudanças de pensamento podem ser acompanhadas de transformações em ações e que experiências alteradas podem, por sua vez, estimular uma mudança de consciência” (Collins, 2019, p. 75). E é nesse esforço que se posiciona o trabalho de Kudzanai Chiurai. Afinal, a “ficção não precisa se esforçar para obter precisão histórica; no entanto, pode efetivamente oferecer visões alternativas e transformadoras” (hooks, 2022, p. 119).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procurei analisar brevemente cinco fotografias produzidas pelo artista zimbabuense Kudzanai Chiurai, tomando como pressuposto o poder inerente aos modos de representação. Neste sentido, embora a denúncia do racismo seja central à pauta antirracista, acredito que é igualmente necessária a produção de outras realidades, ainda que fabulativas, mas que funcionem como vislumbres do que poderia ter sido – e pode, efetivamente, vir a ser. É a partir delas que podemos pensar em modos de vida que não se baseiem na resistência à força desumanizadora do racismo. Assim, reivindicar a nossa humanidade passa, também, pela reivindicação de nossa capacidade imaginativa.

É necessário pensarmos em discursos que possam se opor à opressão sem se limitar a denunciá-la. Nesse sentido, busquei construir um pequeno apanhado das contribuições de autoras negras para pensarmos raça e gênero sem, no entanto, me aprofundar demasiadamente no modo como a opressão interseccional afeta mulheres negras – além do que foi demandado pela breve análise das fotografias. Mais que isso, o trabalho das autoras citadas contribui para evidenciar, também, os modos de resistência, bem como os modos como mulheres negras pensam criticamente sobre sua realidade compartilhada (Collins, 2019).



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Por fim, observo que as fotografias analisadas, em diferentes dimensões, também falam sobre a violência. De um lado, as representações hegemônicas “dão forma a uma guerra permanente contra as imaginações visionárias e divergentes – isto é: contra a habilidade de pressentir, no cativo, que aparência têm os mundos em que os cativos já não nos comprimem” (Mombaça, 2021, p. 59). Se, como nos alerta Mombaça (2021), vivemos em uma sociedade que não é contra a violência, mas apenas contra a uma distribuição “democrática” da violência, a nós resta “afiar a lâmina para habitar uma guerra que foi declarada à nossa revelia, uma guerra estruturante da paz deste mundo e feita contra nós” (Mombaça, 2021, 66). As fotografias de Chiurai nos convocam, portanto, a afiar a lâmina e carregar nossas armas para reagir à violência direcionada a nós. Evocando, ainda, Malcolm X (2021), *We live in silence* é o grito que nos chama a usar o silêncio estrategicamente e resistir, pelos meios que forem necessários – o que pode incluir a violência. Se precisarmos escolher entre matar ou morrer, não podemos esquecer que só é possível fazer a revolução que precisamos se estivermos vivas, vivos e vivos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, J. *et al.* **Modos de ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. **Vida precária**: Os poderes do luto e da violência. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

CARAVAGGIO. **Judite e Holofernes**. [S. l.], 1599. Óleo sobre tela., 144 x 195 cm.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



CHIURAI, K. **We Live in Silence X**. [S. l.], 2017a. Fotografia, 150 x 193.5 cm.
Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/kudzanai-chiurai-we-live-in-silence-x>.
Acesso em: 6 set. 2024.

_____. **We Live in Silence XIV**. [S. l.], 2017b. Fotografia, 130 x 173 cm. Disponível em: <https://www.theartnewspaper.com/2017/12/13/did-the-artist-kudzanai-chiurai-foresee-the-fall-of-zimbabwes-president-robert-mugabe>. Acesso em: 7 jan. 2022.

_____. **We Live in Silence XV**. [S. l.], 2017c. Fotografia, 193.5 x 150 cm.
Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/kudzanai-chiurai-we-live-in-silence-xv>.
Acesso em: 6 set. 2024.

_____. **We Live in Silence XVII**. [S. l.], 2017d. Fotografia, 193.5 x 150 cm.
Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/kudzanai-chiurai-we-live-in-silence-xvii>.
Acesso em: 6 set. 2024.

_____. **We Live in Silence XVIII**. [S. l.], 2017e. Fotografia, 193.5 x 150 cm.
Disponível em: <https://artatimelikethis.com/kudzanai-chiurai>. Acesso em: 6 set. 2024.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

GENTILESCHI, Ar. **Judite decapitando Holofernes**. [S. l.], 1613. Óleo sobre tela., 158.8 x 125.5 cm.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio-Apicuri, 2016.

HARTMAN, S. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020.

hooks, b. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

_____. **Escrever além da raça: teoria e prática**. São Paulo: Elefante, 2022.

KUDZANAI Chiurai: We live in silence. **Contemporary&**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://contemporaryand.com/exhibition/kudzanai-chiurai-we-live-in-silence/>. Acesso em: 6 set. 2024.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



LORDE, A. **Irmã outsider**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MALCOLM X. **Malcolm X fala**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

MESSIAS, F. **Artes pretas brasileiras**: a constituição da negritude como um lugar de fala para além do discurso. 2021. 191 f. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) – Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

_____. Contrarrepresentações de África: a celebração da vida negra queer no trabalho de Zanele Muholi. In: CORRÊA, L.; FERNANDES, P. M.; MOURA, M. A.; FURTADO, L.; BERNARDES, M. **Vozes negras em comunicação II**: interseções, diálogos e caminhos. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 203–224.

_____. **O que você vê?**: lentes de raça e de gênero nas descrições de fotografias de pessoas negras. 2023. 197f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/61397>. Acesso em 11 mar. 2024.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OYĚWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SEGATO, R. L. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. **Série Antropologia**, [s. l.], n. 236, 1998. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie236empdf.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

TRUTH, S. E eu não sou uma mulher?. In: PEDROSA, M.; CARNEIRO, A.; MESQUITA, A. (org.). **Histórias afro-atlânticas**: [vol. 2] antologia. São Paulo: MASP, 2018. p. 17.